Numero 156 — Domingo 7 de Fevereiro de 1885 — 4.º Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO (50 NUMEROS) 1$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOE DA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 1$500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 30 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

A DESABAR

O ministerio está a cahir. Depois d'uma existencia mesquinha, d'um consulado infeliz que se assignalou por uma inepcia sem igual, não tardará em desapparecer pelo alçapão da politica de serralho, tão celebrada pelo ministro da marinha, o lyrico magestoso mas ennodoado d'esta caranguejola monarchica.

O sr. Fontes tem sido desgraçado em todos os seus governos; todavia nunca o foi tanto como agora. Nunca a *governança* publica desceu tanto como n'estes ultimos tres annos. Foi um periodo de torpezas, de illegalidades, d'escandalos, de tolices. O chefe do partido regenerador não ligou o seu nome a nenhuma medida de utilidade publica, não decretou nenhum melhoramento importante, não se quiz associar a nenhum emprehendimento arrojado. Limitou-se, como sempre, a corromper os adversarios, a encher de benesses os afilhados e a umas phantasmagorias ridiculas como a reforma do exercito.

O estado do paiz, por tudo isto e pelo que já vem do anterior, é pois deploravel, verdadeiramente triste. O *deficit* cresce sempre, a divida publica augmenta e o nosso credito anda arrastado pelas praças estrangeiras. A crise operaria pronuncia-se cada vez mais, os impostos alargam-se e o povo começa a manifestar abertamente o seu desgosto como se viu no Porto outro dia.

Parece então que as redeas do governo não deveriam ser de cubiçar. Entretanto, as ambições dos partidos monarchicos passam alem de todos os limites da prudencia e do decôro. Não são só os progressistas que se voltam esfaimados para o Paço da Ajuda, n'uma gritaria indigna, n'um aranzel de garotos. Tambem os adeptos do sr. Dias Ferreira reclamam o mando, com uma petulancia que dá vontade de rir.

Todo o mundo conhece os progressistas. Ninguem ignora, porque os factos estão acima de tudo, que esses homens constituem uma troupe de ambiciosos que só mira a explorar a nação e nada mais. A desordem que os corroeu antes de 1879, a immoralidade e servilismo pelo paço que depois demonstraram no poder, a indisciplina em que se lançaram apoz a questão de Lourenço Marques, a sua indignidade e loucura no accordo, as suas dissidencias actuaes, são de sobejo para nos provar quanto valem e de quanto são capazes esses homens. Mas tambem, que garantias de governo nos offerece o sr. Dias Ferreira? Nenhumas.

O sr. Dias Ferreira é, de facto, uma individualidade poderosa, com talento e talvez com boas intenções. Mas é uma individualidade isolada no meio de alguns milhões d'almas, que o paiz ainda respeita um poucocinho, mas que não quer acompanhar. O paiz está farto de supportar aventureiros, de ouvir promessas illusorias e por isso ri-se das manias governativas do sr. Dias Ferreira, e do seu intento azafamado em constituir partido.

E' possivel que o sr. Dias Ferreira não seja um aventureiro, que tenha boas intenções, que ame a sua patria; mas o paiz é que não quer experimentar e tem muita razão. Depois, o que ha de fazer o sr. Dias Ferreira dentro da monarchia? Na monarchia, todas as boas intenções se tornaram impossiveis.

O que é certo, é que o sr. Dias Ferreira dá provas de inepcia querendo escalar o poder sem ter quem o acompanhe. O sr. Dias Ferreira nem sequer grupo possue. O chamado grupo constituinte desappareceu ha muito. Em que funda pois o illustre deputado por Aveiro as suas pretenções ridiculas? De que elementos dispõe? Dos talentos, sem duvida, do sr. Jayme de Magalhães Lima ou d'algum bacharel desmiolado! Deus se compadeça de todos.

E' pena que o sr. Dias Ferreira se esteja inutilisando. Admirâmos-lhe o talento, e por isso mesmo lhe estygmatisâmos a ambição. Depois, sahiu-nos uma especie de pescador d'aguas turvas, com um pé na monarchia e outro na republica. E' quanto basta para o desacreditar, porque demonstra a sua falta de convicções, se não a sua falta de seriedadade.

Melhor lhe seria tirar o pé da monarchia e assentar os dois com firmesa no campo republicano.

Ninguem é mais insuspeito do que nós. Não estamos acorrentados a ninguem e ousâmos dizer a verdade inteira, vá ella onde fôr. Por conseguinte, se fustigâmos sem cessar os erros do partido republicano, nem por isso deixâmos de estar cada vez mais convencidos de que esse partido não tardará em ser um grandissimo partido, como capaz de salvar a nação. Tem muitas nullidades á sua frente, muito ambicioso e tratante no seu seio; mas isso é um facto necessario e resultante da sua pouca existencia e do periodo mental por que passa a sociedade portugueza. Tudo se modifica e depura e nem o progresso podia impunemente atravessar esta terra.

Porem, se o partido republicano ha de reconhecer um dia o trabalho dos que mais combateram pelo seu aperfeiçoamento, não deixará tambem de ter desprezo absoluto pelos que especularam com a nação ou pescaram em aguas turvas nas horas da desgraça. Os progressistas são os que especulam, os constituintes, ou antes o sr. Dias Ferreira, porque os seus adeptos não passam d'uns cretinos em geral, é o que pesca.

Para aquelles e para este o despreso da patria, o esquecimento absoluto na hora da redempção. Com franqueza, temos pena do sr. Dias Ferreira. Entretanto, a fatalidade seguirá o seu destino. A monarchia desaba com todos os seus homens.

VENDIDOS!

Não conheciamos bem os acontecimentos quando escrevemos o nosso ultimo artigo de fundo sob a epigraphe de *Mau symptoma*. O nosso isolamento provinciano não havia sido interrompido pelo ultimo numero, numero esplendido, do sempre chorado e recordado *Antonio Maria*. Por isso démos como boato, com todas as probabilidades de certeza, a retirada do campo da imprensa do primeiro jornal europeu de caricaturas em virtude dos ultrages, calumnias e vituperios cuspidos em Bordallo Pinheiro pelos proprios republicanos. Como os leitores verão abaixo, Bordallo Pinheiro confessou esses ultrages e calumnias. Não era boato, é certeza.

Na magnifica declaração de Bordallo Pinheiro, vê-se como anda atribulado o espirito do grande artista e que sucia de malandros não comporta esta vil sociedade! Um montão de miserias, tudo isto, com um montão de miseraveis!!

Bordallo Pinheiro falla na sua situação dolorosa! Bem dolorosa de facto. Espesinhado pelos monarchicos, accusado de *vendido* pelos republicanos! Já é.

Mais dolorosa seria se o grande artista a conhecesse bem. Mais dolorosa se soubesse tudo, se palpitasse todos. Então ficaria sabendo que entre os proprios republicanos que o foram visitar a casa, havia, ainda que poucos, d'esses tratantes que o accusaram de vendido! Então saberia que no jantar com que o brindaram certos democratas, havia algum patife dos que mais o calumniaram e ultrajaram, dos que mais teem calumniado e ultrajado todo o mundo, na sombra, está claro,

Ou antes, nada dolorosa, essa situação, para quem tem a consciencia, como tem Bordallo Pinheiro, de haver cumprido plenamente o seu dever e mirado sempre um fim justo e bom. De que valem as calumnias dos *faes democratas*? Em que nos ferem? Se lhe dessemos importancia, se as quizessemos castigar, passariamos metade da vida de chicote em punho e outra metade na cadêa. Se os calumniadores são tantos! São tantos como os moscardos do matto. Pullulam em toda a parte. Privam com os chefes do partido nos primeiros jornaes republicanos, nos melhores clubs, no proprio directorio. Não convivem com a sr.ª Angelina Vidal, não senhores; andam de braço dado com as eminencias democraticas.

Se qualquer republicano fustiga os actos dos deuses, é um espião! Se qualquer jornal republicano ousa ser independente, é um jornal *vendido*, por maiores provas de dedicação que haja dado á causa santa da democracia!

FOLHETIM

A MORAL DOS JESUITAS

(DOS NOTABILISSIMOS DISCURSOS PROFERIDOS NA CAMARA FRANCESA PELO ILLUSTRE SABIO PAUL BERT).

Senhores, o ensino da historia e todos os outros ensinos são apenas uma consequencia dos principios geraes de moral d'aquelles que ensinam. O que è preciso fazer para indagar, para saber se o ensino de um certo grupo de homens è perigoso, temivel para a moral publica, não è epilogar n'alguns textos tirados d'obras secundarias; não, è ir direito aos livros onde esses homens consignaram os seus sentimentos; è ver como elles comprehendem os principios da sociedade e a propria moral; è examinar a educação que elles dão, saltando por cima de minuciosidades, já que se diz que o seu triumpho está n'essa educação, tão gabado ás mães e paes de familia; è procurar o que se dirige ao homem e não ao estudante, isto è, o principio e a base da moral.

Pois bem; vejamos como os jesuitas de todos os tempos, desde a fundação da sua Ordem atè aos nossos dias, incluindo hoje mesmo, comprehendem esses principios de moral, essas grandes verdades em que repousa não sò a sociedade moderna, mas toda a sociedade (Applausos na esquerda e no centro.)

O sr. Dupanloup, bispo de Orléans, dizia um dia eloquentemente na tribuna da Assembleia nacional:

«Os povos morrem por não obedecer ao Decalogo, por não conhecerem o decalogo.»

Vejamos como os jesuitas conhecem e interpretam o Decalogo; o que fazem dos principios eternos de moral, do respeito da familia, do respeito á propriedade, do respeito á fè jurada... (Novos applausos na esquerda e no centro)... do respeito à vida humana; e quando tivermos visto tudo isso, pouco interesse haverá em saber como elles ensinam esses principios no dominio da historia.

Julgo inutil dizer o que eram os jesuitas ha duzentos annos. Pascal descreveu-os sufficientemente n'um pamphleto immortal que ganhou um lugar brilhante na historia e nas obras primas da litteratura franceza. Temos todos presentes ao espirito essas citações em que o ridiculo disputa o logar do odioso. Sabemos todos de que era composta essa moral: de reticencias secretas, de compensações occultas, de duvidas ou peccados philosophicos, de probabilismo e amphibologia. Ninguem ignora quanto os principios de moral estavam abalados e desvirtuados; quanto o livre arbitrio estava entorpecido e enervado. Não era preciso mais nada para entregar o homem atado de pès e mãos ao director espiritual!

«Um membro da direita»: — Isso è muito velho!

O sr. «Paul Bert».—Ouço uma interrupção justificada. Disseram-me: «tudo isso è muito velho!»

Sim, tudo isto è velho; tudo isto remonta, de facto, a tempos anteriores a 1656 em que appareceram as «Provinciaes»; a tempos anteriores a 1662 em que morreu Pascal. Tudo isto è muito velho, com effeito, e por isso não irei folhear os velhos casuistas, nada pedirei a Tambourin, a Decastille, a Fillincius, a Manuel Sá, a Suarez, a Sanchez e nem a Escobar, o mais celebre de todos.

Não lhes perguntarei o que pensavam da moral para que os meus adversarios me não digam que as cousas se aperfeiçoaram d'então para cá, que a moral dos seculos desoito e desenove não è a mesma dos seculos deseseis e desesete, apezar de uma phrase celebre que se lè na historia dos jesuitas, cuja origem parece não ser bem conhecida, porque o meu honrado amigo, o snr. Spuller, foi muito molestado por a ter attribuido com todo o mundo ao celebre e infeliz geral Ricci. Sim, parece que não foi um jesuita que disse—«Sint ut sunt, aut non sint», mas o papa Clemente XIII. Todavia foi um jesuita que disse: — «Sumus tales quales». Não haveria elle dito a verdade?

Vejamos, por conseguinte, o que eram os jesuitas cem annos depois de Pascal.

N'essa epocha, 1762, dà-se um grande acontecimento na historia dos jesuitas de França.

As aventuras de varias ordens, que attrahiram a attenção publica,— emprego uma palavra suave porque não quere ser agora interrompido,— determinaram o parlamento a occupar-se d'elles, pedindo ao rei que os expulsasse, em 1762.

«Um membro da direita»—Luiz XV!

O sr. «Paul Bert». —Recusae a Luiz XV o vosso culto real, se quereis, que não serei eu que lh'o preste. (Risos e applausos na esquerda.)

O parlamento pediu ao rei que tomasse medidas contra individuos «cujas doutrinas chegariam a destruir a lei natural, a regra de costumes que o proprio Deus imprimiu no coração humano, e por consequencia a despedaçar todos os laços da sociedade civil, autorisando o roubo, a mentira, o prejurio, a impureza mais criminosa, e em geral todos os crimes e paixões, pelo ensino da compensação occulta, dos equivocos, das restricções mentaes, do probabilismo e peccado philosophico; a destruir todos os sentimentos de humanidade entre os homens favorecendo o homicidio e o parricidio; a aniquilar a autoridade real, etc.»

Seguem-se accusações que não teem interesse para nòs, porque não estamos aqui em assembleia theologica.

Estas formulas tão solemnes e terriveis, emanando do primeiro corpo constituido que a França possuia então, do Parlamento deliberando com todas as camaras reunidas, não podem ser accusadas, como o foi muitas vezes o pamphleto de Pascal, d'exprimir uma paixão religiosa pequenina e ridicula.

De resto, o parlamento tomou todas as precauções, porque juntou á sua resolução documentos em numero consideravel, que são precisamente a base e a prova da accusação que fez à ordem dos Jesuitas.

Ninguem pode negar, nem nunca ninguem negou, a exactidão d'esses documentos. Diz-se que foram escolhidos com intenção reservada. E' o que allegam todos os accusados em frente da accusação. Em geral procura-se nos actos d'aquelle que se accusa o que n'elles ha de mais criminoso e foi o que fez o Parlamento.

Senhores, eis o volume que contèm as doutrinas jesuiticas. E' enorme e impresso em caracteres pequenissimos. Não encontrareis aqui a doutrina especial de qualquer jesuita em particular, a de qualquer individuo da classe mesmo «cum superiorum permissu»; não è um homem isolado que se exprime n'estas paginas; è a ordem inteira.

E n'este ponto seja-me permittida uma observação a proposito das ultimas citações feitas pelo sr. Keller. Ha exaltados em todos os partidos, mas os extractos dos livros e jornaes republicanos exagerados não se podem comparar com os extractos que nós fazemos dos vossos livros e dos vossos jornaes e eu digo porquè. Porque essas citações emanam de individualidades que militam nas guardas avançadas, de opiniões radicaes, e que ás vezes fazem fogo sobre o seu proprio exercito; não representam a opinião da massa do partido republicano; são o producto de ardor de alguns dissidentes que sahiram dos quadros. Mas comvosco acontece o contrario; quanto mais excessivas são as citações, quanto mais violentas são as expressões, quanto mais absolutas, agressivas, a ponto d'indignarem a opi-

Ellos mesmos se accusam de vendidos e espiões uns aos outros. Mas tornam-se a abraçar! Um dia, certo jornal importante do partido declarou que rompia para sempre as suas relações com outro jornal importante do partido. Pouco depois, nas sallas do primeiro, houve quem accusasse o segundo de vendido por causa d'umas observações a varios candidatos n'umas determinadas eleições. Afinal um dia, o primeiro, com o mesmo director e com pequenas alterações nos seus redactores, alterações que tiveram a particularidade de deixar ficar os *calumniadores*, voltou a chamar *querido collega* ao segundo. Calumniadores, dissemos, porque quem rompeu publicamente relações com outro e o accusou de vendido para o abraçar em seguida, passou a si proprio o diploma mais indigno que se póde imaginar.

E eis como está tudo. Um montão de miserias com um montão de miseraveis!

Muitissimas cousas sabemos nós, que havemos de dizer! Não temos medo de ninguem, seja em que campo for. Então sáiam as verdades a lume.

O partido republicano compõe-se na sua grande maioria de gente boa e honesta. Porem está irremediavelmente perdido se não se limpar quanto antes de certos elementos.

Ouçâmos agora o sr. Bordallo Pinheiro.

DUAS PALAVRAS À BEIRA DA SEPULTURA DO «ANTONIO MARIA»

Ha cinco annos que os archivos da secretaria da camara dos pares ficaram privados de colleccionar, em registros de officios e quejandos entretenimentos, mais alguns exemplares da minha calligraphia, senão irreprehensivel pelo menos commodamente legivel.

Eu pedi a exoneração do honroso cargo de amanuense que ali exercia e que podia muito bem, com o andar dos tempos, vir a grangear-me umas sopas para a velhice, uma commenda para a carcela do paletot e— quem sabe!— uma carta de conselho para a gaveta da secretária!

E pedi essa exoneração porque entendi que não devia receber— embora como paga dos serviços que prestava— dinheiro vindo d'um Estado que eu combatia e cuja marcha não estava disposto a acompanhar, nem mesmo na qualidade de praça de pret da burocracia!

Não me arrependo hoje, como não me arrependi nunca, d'essa voluntaria deserção que me tem garantido ao menos a liberdade de me apresentar sempre jornalista desafogado, sem o constrangimento de occultar alguma vez aquella personalidade por detraz dos compromissos de amanuense.

Como tal, as minhas opiniões, boas ou más, não se subordinaram nunca ao «mot d'ordre» a que, parece, devem andar sempre adstrictas as de quem, cummulativamente, faz politica na banca da redacção e calculos orçamentaes na mesa da secretaria...

Da lealdade com que, durante uns poucos de annos, combati as ideias que me são adversas, julgo haver exhibido documentos irrefragaveis quando applaudi e exaltei causas perfilhadas pelos principaes representantes d'essas ideias, ás quaes até gostosamente me associei, como me associo sempre a quanto, no meu entender, occulte um fim benemerito e cujos effeitos representem um sentimento bom de caridade, embora as causas apenas signifiquem um ruim sentimento de vaidade.

Sobre este ponto, citarei apenas a minha franca adhesão à festa da «Kermesse» e á festa dos «Albergues Nocturnos», que entendi dever louvar e appoiar, não me importando de quem vinham, para só attender a quem iam utilisar.

E essa adhesão rendeu-me algumas dezenas de descomposturas tremebundas, a maior parte cuspidas em bilhetes postaes pelos correligionarios— supponho— da sr.ª Angelina Vidal, que me alcunhavam de VENDIDO!

Ha poucos dias, impulsado pela mesma mola que em tempo me atirára para o meio das festas da «Kermesse» e dos «Albergues Nocturnos»— o sentimento da Caridade— eu corria, saltando por cima de todas as questões politicas, que deixei em casa muito bem arrecadadas; eu corria ao convite de um dos mais notaveis representantes d'um partido de quem sou adversario, não para quebrar lanças contra os partidos que me são inimigos, mas para apertar as mãos aos jornalistas de quem me julgava irmão...

Por seu turno, foram d'esta vez os altos poderes do Estado que viram nos meus intuitos singelamente caridosos, uma cilada de jacobino convicto, como em tempo, alguns que se dizem membros do partido republicano, tinham descoberto, no meu procedimento unicamente caritativo, accentuados laivos de professo monarchista!...

Foi debalde que, n'uma reunião de jornalistas onde ia tratar-se de Caridade, que é muito, e da dignidade da corporação, que tambem é alguma coisa, da dignidade da corporação manchada, a meu vêr, pelos altos poderes do Estado, foi debalde que eu procurei jornalistas!

Mais ou menos, ninguem o era!

Um era official do exercito, primeiro de que tudo; outro era amanuense de secretaria, primeiro de que tudo; mais outro era deputado, primeiro de que tudo; e só eu— pobre de mim— não era nada d'aquillo para ser unicamente jornalista.

Eis, pois, a minha dolorosa situação.

Eu não pertenço ao ajuntamento dos jornalistas por isso que estou sósinho e não ha ajuntamentos só d'uma pessoa; eu não pertenço ao grupo monarchico porque este me chama revolucionario; eu não pertenço ao partido republicano porque este me alcunha de VENDIDO!

N'estes termos, não podendo ser nem politico, nem jornalista, vou fazer-me simplesmente operario— o que, afinal de contas, talvez venha a ser mais alguma coisa...

Assim, considerando que este paiz pertence a sua magestade el-rei;

Considerando que a Caridade, é praticamente, propriedade vitalicia de sua magestade a rainha, que a exerce, e, theoricamente, da actriz Rosa Damasceno, que a descreve (vidè pensamentos dos artistas no jornal «A Tragedia»);

Considerando que ambas essas coisas e tudo mais são igualmente propriedade do sr. Fontes;

Considerando que o partido progressista o que tem de mais limpo são os accordos com o partido regenerador;

Considerando que o partido republicano tem a sr.ª Angelina Vidal; e,

Considerando finalmente que os jornalistas não teem aquella coisa que faz côrar as donzellas da Baixa quando os namorados lhes pedem um beijo ás furtadellas;

Resolvi enterrar o «Antonio Maria», sentindo-me muito vaidoso pelo ver, em questão de dignidade, descer á cova de palmito e capella.

Disse.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

CARTA

Recebêmos a que se segue d'um dos maiores fabricantes de vinhos no paiz e que gostosamente publicâmos, agradecendo-a, tanto mais quanto é certo sêr d'um cavalheiro filiado ha muito no partido republicano. Valham-nos ao menos estas provas de simpathia, que tanto a miudo recebêmos e de toda a parte. Dão-nos maior coragem para a lucta.

Sr. Director do «Povo de Aveiro».

São muitos os jornaes republicanos, que me são enviados; mas faltando-me tempo, para todos ler com a devida attenção, ha comtudo alguns, tal como o «Povo de Aveiro», a quem sempre leio com o maior prazer. O artigo de fundo sob a epigraphe —«Mau symptoma»— e o artigo que se lhe segue, com respeito ao quarto anno da existencia do «Povo de Aveiro», obrigam-me a enviar ao meu illustre amigo dois leaes apertos de mão, para os transmittir a quem com tanta dignidade e independencia os escreveu; e faço-o, por concordar plenamente em tudo e por tudo que nos ditos artigos li.

Felicitações pelo quarto anno da existencia do nosso valente, honrado e independente «Povo de Aveiro», lhe envia o seu

amigo aff.º e correlig.º

Domingos Dias Pereira.

VANTAGENS DA LIBERDADE DA IMPRENSA

D'entre as innumeras questões suggeridas pelos homens que, para desenfado de suas occupações, se reunem em grupos de differentes escalas, o pouco de proveitoso, que d'ellas se poderia extrahir, fica disperso pelos ambitos d'essas casas, onde teem logar. De quando em quando, porém, levanta-se uma ou outra palestra de que resulta estimulo ou engenho d'algum dos circumstantes e, como que impellido por um elemento irresistivel, reune idéas com que robustece a sua opinião, expõe-a, e o seu desejo vai mais longe: tão convicto ficou d'ella, tão sublime lhe pareceu que desde logo resolveu, peze a quem pezar, a não a deixar restringida ao limitado espaço entre quaesquer paredes ou estantes d'algum estabelecimento que o circuite. D'aqui para a imprensa, o orgão da democracia, que desempenha a missão sublime, evangelica, de espalhar por toda a superficie terrestre, para quem quer apanhar, ora essas idéas conducentes ao bem commum, ora as arduas mas justas censuras dos erros praticados por essa aristocracia nulla, sem pudor, sem humanidade, sem patriotismo. Senão é ella, a imprensa, os direitos dos cidadãos inermes, seriam constantemente violados e nem sequer se lhes ouviria um gemido solto de suas pungentes queixas; essas idéas mais livres, producentes, praticaveis para o bem estar geral da humanidade, ficariam suffocadas debaixo dos humildes tectos d'onde mais se produsem; a nossa autonomia nunca se patentearia ás classes que mais se ennobrecem pelo trabalho agricola e industrial; permaneceriamos, como em epochas antigas de densas trevas, reduzidos á humilde condição de escravos; e meia duzia de typos feudaes, egoistas, devassos e sanguinarios seriam os nossos senhores, a quem teriamos de curvar a cabeça, cegamente, ás suas despoticas determinações. A imprensa, porém, é o azorrague transformado dos escravos contra os verdugos; é o apostolo que chama á ordem as massas evolutivas, trabalhadoras; que confronta as idéas; que estabelece a incomparavel differença entre a luz e as trevas; que chama a postos os que punem pelo bem commum, pela independencia dos povos, pela patria, por todo o progresso em geral; que estabelece e patentéa a verdade entre o direito e a corrupção. Embora, de quando em quando, se exerça contra a liberdade da imprensa essa pressão vergonhosa, como a da época que actualmente estamos atravessando, guindada por meia duzia de retrogrados assignalados pela sua indigna ascensão ás regiões dos poderes governamentaes que, de ridiculos, já nem merecem commentarios, ella ha de sempre sobresahir radiante de gloria e os heroes realçar-se-hão impollutos pela victoria alcançada nas luctas sangrentas que travam em sua defesa contra esses mesquinhos adeptos do conservatorismo feudal, indigno e intolerante das sociedades actuaes, amigos da escravidão, das trevas e, quaes anthropophagos, com appetites insaciaveis de devorar os seus similhantes.

(Continua)

CARTAS

Lisboa, 6 de fevereiro.

Volto a reoccupar o meu lugar de correspondente do *Povo de Aveiro* em Lisboa depois de uma ausencia demorada. Afinal as ausencias vão-se repetindo por tal fórma que o *Povo de Aveiro* bem se póde gabar de ter um correspondente e um vice-correspondente, o meu amigo Mario, no primeiro centro do paiz. Outros não terão nenhum e eis como anda tudo mal governado.

—Não sei bem o que se passa por aqui, porque ainda não tive tempo de me orientar. Ouço fallar em crise, em congresso postal, na revista do anno, (o Microbio), nos temporaes, nas conferencias do sr. Aguiar, na morte do *Antonio Maria*, em varias coisas novas, mas não tenho particularidades de nenhum d'esses successos importantes. Ouço vagamente fallar n'isso, n'um ou n'outro centro concorrido, e vagamente apanho isso nos jornaes, que tenho lido a correr.

A crise não desappareceu com a sahida do sr. Aguiar e do sr. Lopo Vaz. Ficou patente no ministerio, abalado por centenas de tolices e por embaraços que sobrevieram ultimamente. O maior dos embaraços é a falta de dinheiro. Não ha vintem, e quando não ha vintem o sr. Fontes põe-se a andar. Portanto a queda do ministerio é certa. Estou mesmo convencido de que haveria aproveitado a ultima crise para se demittir em massa se não fossem o diabo das reformas politicas. As reformas politicas são um osso que o sr. Fontes atravessou na garganta. Elle bem se quer *raspar*. Não ha dinheiro, os fundos descem, o credito, coitadinho, anda pelas ruas da amargura, os afilhados são cães impertinentes e teimosos que lhe não largam as pernas. Mas que diabo ha de elle fazer das reformas politicas, elle, que fez d'ellas cavallo de batalha, elle, que fez d'ellas o bico mais resplendente da sua corôa de bicos? Atira-las para o barril do lixo é escandaloso do mais. Entretanto o homem possue artes eximias de prestidigitador. Não tarda que lhe càia um dente.

—O sr. Aguiar anda á cata de popularidade. Tambem nos sahiu um pandego! Depois de ter vilmente renegado as suas tradições fazendo-se fraldiqueiro do Paço, depois de proceder indignamente abandonando o sr. Dias Ferreira para se fazer regenerador, depois de haver acceitado a camaradagem pouco honrosa de ministros invilecidos ligando com elles o seu nome a poucas vergonhas de vulto, sahe-nos á ultima hora com ares de honestidade campando de dignidade e intransigencia. Um charlatão, que julgou enganar alguem! *Cate* popularidade, que ha de ser servido. Que fez da dignidade quando renegou tudo e todos para entrar no ministerio mais vergonhoso de que ha memoria no paiz?

Sahiu-nos um *pandego*, o ex-ministro das obras publicas!

—Reuniu-se ha dois dias pela primeira vez o congresso postal. Assistiu á sessão o sr. ministro dos negocios estrangeiros. Foi eleito presidente o sr. Guilhermino de Barros. O congresso continua re-

---

nião publica, são as doutrinas, mais nos aproximamos do grosso do vosso exercito, mais certos estamos de encontrar detraz da obra d'esses soldados que não publicam nada sem auctorisação do geral, a approvação do chefe supremo, ás vezes mais violento do que elles, isto è, o papa. (Muito bem, muito bem, na esquerda e no centro.)

Eis a differença, que è necessario ter sempre presente ao espirito.

Voltemos aos jesuitas.

São desoito os artigos de accusação que fundamentaram a condemnação do parlamento. Alguns não teem interesse para nòs; pouco nos importa saber em que eram reprehensiveis sob o ponto de vista da religião ou da idolatria.

Mas a questão moral è tratada sob diversos titulos; o primeiro intitula-se o «Probabilismo». Sabem todos o que isto quer dizer. Entretanto vou-vo-lo recordar com as citações que terei a honra de vos expor.

Vejamos como um jesuita, que era ao mesmo tempo cardeal, definiu o probabilismo. Disse:

«Em geral, quer em materia de fè, quer em materia de costumes...» —Notae isto, senhores, è a formula da infallibilidade papal, «vel fide, vel moribus». —«Em geral, quer em materia de fè, quer em materia de costumes, è permittido a cada um seguir seja que opinião fôr, directamente menos provavel e menos segura, ainda que a opposta seja mais provavel, mais certa e considerada como tal. Mas è preciso restringir a proposição, de modo que a probabilidade pratica seja certa para aquelle que obra.» (Risos na esquerda.)

Assim, quando um homem se vê embaraçado e o forçam a escolher entre duas soluções para um acto qualquer da sua vida, è-lhe perfeitamente licito seguir a peior, ainda que seja a mais criminosa, com a condição de que n'ella haja uma probabilidade pratica que lhe pareça certa.... e util. (Murmurios na direita.)

«Muitos deputados da direita».—Isso è theologia!

O sr. «Paul Bert». — Senhores, dizem-me que isto è theologia...

«Um membro da direita». — Theologia mal comprehendida.

O sr. «Paul Bert». — Bem pouco havia eu, na verdade, de conhecer aquelles de quem fallo, se não esperasse as suas interrupções.

Mas jà que isto vos parece theologia vamos ver quaes são as applicações d'este principio, n'um campo estranho á theologia.

«Pergunta-se, diz Gregorio de Valença, se um juiz pode, sem fazer excepção de pessoas, determinar, segundo os interesses do seu amigo, o seu julgamento a favor de uma probabilidade applicavel indistinctamente a uma ou outra opinião, quando um ponto de direito divide os jurisconsultos. Eu digo primeiro do que tudo: Se o juiz entende que uma e outra opinião são egualmente provaveis, pode licitamente, para favorecer o seu amigo, julgar segundo a opinião que autorisa a pretensão d'esse amigo. Ainda mais, poderia atè, a fim de servir o amigo, julgar umas vezes conforme uma opinião e outras vezes conforme a opinião contraria...» (Risos e applausos na esquerda.)

«Um membro da esquerda». — E' o sublime na arte.

O sr. «Paul Bert». — Continuo, por que a conclusão è preciosa:

«...uma vez que d'ahi não provenha escandalo.» (Ah! ah! na esquerda.) Por exemplo, no caso particular de que fallava ha pouco o sr. Keller, comtanto que não appareçam os despachos telegraphicos. (Risos e applausos na esquerda.)

O sr. «de Launay».—Não podem ser mais interessantes do que os despachos do governo da defeza nacional.

O sr. «Presidente». — O illustre deputado pode-os ler à vontade, mas não interrompa.

O sr. «de Lounay».— Ainda ha pouco a esquerda interrompia quando queria.

O sr. «Presidente». — Pela segunda vez lhe peço que não interrompa.

O sr. «Paul Bert». — Aqui temos o que diz respeito aos julgamentos, que não è materia theologica; mas è materia especial. Agora vejamos o que diz respeito aos simples particulares:

«E' permittido seguir umas vezes uma opinião provavel, outras vezes opinião differente sobre o mesmo assumpto? Por exemplo, è provavel que este imposto haja sido deitado injustamente, è tambem provavel que haja sido deitado justamente. Posso eu hoje, eu que sou encarregado pelo rei de cobrar esse imposto, exigi-lo? Posso eu ámanhã, ou mesmo hoje, porque sou negociante, defraudar esse direito em segredo?

Da mesma fórma, è provavel que alguem possa ser indemnisado por dinheiro da perda da sua reputação; è tambem provavel que o não possa ser.

Posso eu então hoje, eu, a quem ennegreceram a reputação, exigir d'aquelle que a ennegreceu, uma indemnisação em dinheiro e ámanhã ou hoje mesmo recusar a indemnisação áquelle cuja reputação ennegreci?» O que diz o sabio jesuita?

«Asseguro que se pode n'esse caso praticar licitamente o que melhor convier ou fazendo uma cousa ou fazendo outra» (Hilaridade na esquerda).

Senhores, eu passo depressa por estas cousas, mas ainda tenho mais citações à vossa disposição.

«Um membro da direita».— Nòs já lêmos as «Provinciaes»!

O sr. «Paul Bert».— Apenas acrescentarei, uma vez que me disseram que fallo da theologia e não do ensino, uma citação relativa ao ensino:

«Os doutores e os professores que exercem o magisterio não são obrigados a ensinar os sentimentos que lhes pareçam mais favoraveis; porque, muitas vezes, esses sentimentos são os mais repellidos e os menos autorisados e causariam escandalo; seria impôr um jugo pesado aos mestres se os collocassem na obrigação de ensinar o que lhes parece mais favoravel».

D'onde se segue, sr. ministro, que tereis muito trabalho, apezar das vossas inspecções, em saber o que se ensina nas casas jesuiticas, e sobretudo as opiniões que pareçam mais provaveis aos mestres que alli ensinam.

Em seguida ao grande capitulo sobre o probabilismo, que è todo cheio de passagens exactamente similhantes áquellas que vos acabo de lèr, vem um outro capitulo sobre o peccado philosophico. Não è menos interessante nem menos recheiado de particularidades. Citarei um sò:

«Apezar de sabermos todos...» — foi o padre Lacroix que escreveu isto em 1757— «... apezar de sabermos todos que a mentira è naturalmente prohibida, assim como não è ordinariamente permittido matar alguem com a propria auctoridade, entretanto circumstancias haverà em que estas cousas sejam permittidas. E' assim que Cassiano, homem sabio e douto... e outros entenderam que a mentira officiosa è algumas vezes permittida. E' assim que um homem rude, segundo Vasquez, pensava que podia honesta e piedosamente matar outro para o livrar de soffrimentos crueis... E' assim que um outro, como relata Saraza na sua «Arte do gozo eterno...» Isto recorda a confraria dos «Souriants» que acaba de se fundar em Vaucluse; mas eu chamo muito seriamente para isto a attenção dos que tanto zelam, e com razão, os direitos dos paes de familia.— «... E' assim que um outro, por zelo, pela gloria de Deus e para salvação das almas, baptisava os filhos dos Mouros que os paes lhe traziam e os matava logo para que se salvassem e com receio de serem novamente sedusidos se voltassem para casa dos paes» (Exclamações.)

(CONTINUA.)

gularmente nas suas sessões. Estão representadas quasi todas as nações do mundo. Preparam-se alguns bailes e jantares em honra dos congressistas. Esperam-se em pouco os ministros dos correios e telegraphos de França e Allemanha.

—A revista do anno de Jacobetty, o Microbio, continua sendo um dos maiores successos theatraes da epocha. Não faltam enchentes successivas ao Chalet da rua dos Condes. A revista é uma *charge* de tremer na monarchia.

—Os temporaes tem feito muitos estragos. Deram-se estes dias algumas desgraças lamentaveis no Tejo, como a morte do piloto do vapor francez *Sully*. Uma pobre victima do trabalho. Hontem e hoje não tem chovido.

—Continua a ser commentada a morte do *Antonio Maria*. Alguns censuram o illustre artista por affrouxar na lucta, mas eu estou convencido de que Bordallo Pinheiro não está muito tempo sem voltar á carga. As declarações do illustre caricaturista sobre os improperios e calumnias dos seus correligionarios impressionaram e desgostaram muita gente.

—Falleceu hontem, depois de uma curta enfermidade, o sr. Antonio Quaresma Val do Rio, socio de uma das maiores casas commerciaes de Lisboa. Era um republicano sincero. Sentimos a sua morte.

—Está-se travando rija batalha na camara dos pares. Assisti á sessão, mas não tenho tempo para fallar hoje n'ella. Se houver novidade importante, mandarei um telegramma.

Y.

Bairrada, 6 de Fevereiro

—*—

Que o reverendo prior de Ancas seja um grande ambicioso, que procura sugar os seus freguezes, abotoando-se com uma congrua avantajada, é um facto que não padece duvida, acceite pelos parochianos que, por escriptura publica, se obrigaram a esportulal-o generosamente; mas que o reverendo se arvore em campeão do jesuitismo, recrutando adeptos para a *Archiconfraria do Sagrado Coração de Jesus*, vulgo *Apostolado da Oração*, incutindo no espirito dos povos as crenças milagreiras de umas tantas indulgencias ganhas mediante o pagamento d'uns tantos tostões e de umas tantas missas, isto é que não o conceitua de forma que possa continuar a merecer a confiança da freguezia de que se diz pastor.

E' mister que o povo d'Ancas abra os olhos. Não se deixe levar pelos embustes dos que lhe fallam em theoria na felicidade do ceo, e o vão explorando practicamente na terra.

Oração e *dinheiro* sobretudo é o movel que domina a *Archiconfraria* de que é director o reverendo prior de Ancas.

Com aquelles dois elementos prospera o jesuitismo, e corrompe-se a familia, pelo desapego dos laços intimos e pelo desprezo do trabalho. Ora os habitantes d'Ancas são essencialmente trabalhadores e não teem dado até aqui exemplos de maus familiares. Se começam a viver na egreja e a fugir da familia e do trabalho, ai d'elles! que estão nas garras dos corvos, e prestes a inutilisarem-se para as luctas da vida!

E nós que temos amor pelo bom futuro da Bairrada, e que sabemos o quanto é laboriosa e activa a população de Ancas, não desejavamos vel-a contaminada pelo jesuitismo, fanatica, dada ás orações e explorada na bolça pelos agentes d'uma seita immoral e perigosa. Por isso não largaremos mão do assumpto, esclarecendo os ignorantes e desmascarando os hypocritas.

NOTICIARIO

Começarêmos a publicar no proximo numero a relação dos assignantes que nos pregaram o calote. Não é tanto pelo calote, nem pela falta de seriedade d'esses homens que podiam ter devolvido o nosso jornal sem gastar um real. E' principalmente para nos rirmos um bocado com certos nomes que hão de apparecer na relação.

Mangar impunemente comnosco, é que não manga ninguem.

Rogâmos aos srs. assignantes que quando mudem de residencia, nol-o participem para lhe enviarmos o jornal. Temos sobre a meza alguns numeros do *Povo de Aveiro* que nos foram devolvidos, por os respectivos destinatarios não se encontrarem já na mesma rua, ou localidade.

—

Ao sr. Arthur Augusto do Sacramento, do Porto, pedimos a fineza de nos responder á carta que lhe foi enviada ha tempo pela administração d'este jornal.

O *Districto de Aveiro* (jornal) tornou a mudar a pelle. No seu principio foi constituinte; depois voltou-se para a regeneração; agora torna a sêr constituinte.

E sempre com o mesmo director!

Que ratões!!

Pouco nos importa a politica monarchica da localidade, em que chafurda tanto vadio e sabujo a par de pouquissimos homens honestos que por uma fraquesa imperdoavel não se envergonham d'uma camaradagem reles. Mas ha cousas, realmente, que implicam com a mais fria indifferença e a mais calculada reserva. Uma d'ellas é a conducta singular do governador civil d'este districto. Esse homem que só serve para proteger vis creaturas (e para isso não anda tonto!), está ahi ás ordens do governo actual. E como zela a politica regeneradôra? Trabalhando *à outrance* na politicança *soi disant* constituinte. Não dá um passo que não seja para proteger os fantoches do sr. Dias Ferreira. Parece incrivel! Mais incrivel parece que os *trumphos* regeneradores do districto consintam esse homem á frente do districto. Verdadeiramente incrivel!!!

Continuam as exposições de recem-nascidos. Na noite de quinta feira appareceu no portal d'uma casa da rua de Santo Antonio outra creança, que foi confiada aos disvellos d'uma visinha que amamenta um filho.

Os factos que vão demonstrando a imprudencia da extincção do hospicio d'expostos, auctorisam-nos ás probabilidades de qualquer dia registar algum infanticidio involuntario. Não se procura já a roda para encobrir as fraquezas da mulher. O primeiro canto, exposto á intemperie ou a qualquer eventualidade desgraçada, bastará para que as mães supponham evitar as responsabilidades maternas, engeitando os filhos.

A commissão encarregada de erigir a lapide ao fallecido Jeronymo Carlos Salgado, desejando proceder quanto antes aos seus trabalhos, pede aos srs. subscriptores que se acham em debito, o obzequio de mandarem satisfaser as quantias com que concorreram para a erecção da referida lapide.

A requerimento particular foi julgado ante-hontem em policia correccional, por abuso de liberdade de imprensa, o editor do *Povo de Aveiro*, sendo condemnado em 90 dias de multa a 1$000 réis por dia e nas custas do processo.

A falta de espaço não nos permitte expendermos hoje algumas considerações que o assumpto nos suggere, o que faremos opportunamente. Nada se perde com a demora.

No serviço do correio dão-se ás vezes factos que nos mechem sériamente com os nervos. Ainda estâmos a matutar n'um, bastante emmaranhado, para o qual chamâmos a attenção de quem superintende n'esse serviço. Como o *phenomeno* que vâmos narrar, occorrem a cada passo e tão repetidos, que cada vez nos convencêmos mais de que habitâmos n'um paiz mysterioso.

Julgavamos que tinhamos em Rio Maior um assignante, e n'essa fé enviavamos para lá o nosso jornal, que não mais voltava. O *Povo de Aveiro* chegaria ao seu destino? Os empregados da repartição d'aquella localidade fal-o-hiam chegar ás mãos do destinatario? O que podêmos asseverar é que o nosso periodico era expedido regularmente e que nunca fomos surprehendidos com qualquer numero devolvido. Pois o que nos fez cahir das nuvens foi que, procedendo nós á cobrança das assignaturas, o recibo que expedimos para o correio fazer cobrar em Rio Maior a importancia de que nos julgavamos credor, voltou pelo mesmo caminho com a seguinte observação:—«Não se acha n'esta localidade.—Almeida.»

Comprehendem? Nós tambem não.

Pedimos ao chefe da repartição de Rio Maior o obsequio de nos explicar o enygma.

Ficamos esperando.

Lembrâmos novamente aos nossos correligionarios a obrigação que teem de se inscrever como eleitores logo que estejam dentro dos limites da lei. E' uma necessidade impreterivel que o façam quanto antes.

E' a essa indifferença, a essa indolencia criminosa de lesa-patria, que é indispensavel prover, intervindo nos destinos do paiz.

Quem se préza, quem se sente com uns restos de amor patrio, não póde sob nenhum pretexto furtar-se á indeclinavel responsabilidade na nossa decadencia. Como cidadãos, como filhos d'esta orlasinha que já assombrou o mundo com temeridades, ergâmo-nos do lethargo, d'esta languidez que se apoderou do nosso organismo por uma educação mystica alliada á corrupção monarchica.

Caminhêmos, sejâmos dignos das gerações que já foram. Não é pelo voto que esperâmos regenerar o paiz; as mil torpezas das hostes monarchicas roubam-nos a garantia de fazernos valer na urna os nossos direitos. Ha-de ser por outros meios, mais energicos, decisivos e terminantes, que ao velho systema deve seguir-se a implantação da Republica. Entretanto acostumemo-nos a luctar, a ser perseverantes, a ser menos indolentes.

Dâmos abaixo as formulas para qualquer cidadão requerer a sua inscripção no recenseamento politico.

—

Requerimento por saber ler e escrever:

F... filho de F... e F... (estado) (profissão) morador..., freguezia de... maior de... annos, sabendo ler e escrever como faz certo com a presente petição, toda escripta e assignada pelo seu proprio punho e como tal devidamente reconhecida, usando da faculdade que lhe concede o artigo 1.º da lei de 8 de maio de 1878, requer para a inclusão do seu nome no recenseamento a que se vae proceder.

Assim espera lhe defiram.

E. R. M.

Este requerimento deve ser reconhecido pelo tabellião na presença do requerente e duas testemunhas.

Requerimento por ser chefe de familia:

F..., filho de F..., maior de... annos (estado) (profissão) morador... freguezia de..., vivendo ha mais de um anno em commum com FF..., e sendo além d'isso o supplicante quem provê aos encargos de sua referida familia, pretende usar da faculdade que lhe concede o artigo 1.º da lei de 8 de maio de 1878 para ser incluido no recenseamento a que se vae proceder.

N'estes termos requer se lhe defira.

E. R. M.

—

Requerimento por ser collectado em contribuição directa não inferior a 1$000 reis.

F..., filho de F... e F..., maior de... annos (estado) (profissão) morador..., freguezia de... tendo sido collectado no lançamento immediatamente anterior na quantia de reis..., como prova com os documentos juntos, pretende usar da faculdade que lhe concede o artigo 2.º da lei eleitoral de 23 de novembro de 1850 e artigo 6.º § 2.º do decreto de 30 de setembro de 1852, para ser incluido no recenseamento a que se vae proceder.

N'estes termos requer se lhe defira.

E. R. M.

Este requerimento deve ser reconhecido pelo tabellião e acompanhado do ultimo recibo de decima; na falta d'este, do aviso recebido, bem como da certidão de edade.

Observações geraes

E' preciso ter 21 annos completos, salvo se fôr casado, official do exercito ou armada, ou tendo um curso completo do lyceu do reino; n'este caso basta ter 18 annos, juntando certidão de edade.

Informam-nos de Sever de Vouga que o administrador d'aquelle concelho, um regeneradôr *enragé*, n'uma das sessões em que se procedia ao recenseamento eleitoral, quiz negar o direito de votar a um chefe de familia, casado, que pertence á troupe progressista. Que imaginam os leitores que pretextou aquella sábia auctoridade para impugnar a garantia politica ao cidadão progressista?

A moralidade veda-nos o reproduzir textualmente as palavras do impugnador. Segundo a auctoridade administrativa, elle não podia exercer o voto, pois que, d'um temperamento demasiado condescendente, não era de facto o pae da sua prole, consentindo a outrem os direitos conjugaes!!

A observação é torpe, é indigna, e vilmente affrontosa, e tanto mais grave por ser exposta pela auctoridade.

Para não mecher muito em assumpto tão sujo, fechâmos os commentarios.

O nosso illustrado collega do Porto, *A Discussão*, queixa-se de que o encarregado do correio de Gandarella, deixando-se subornar por um padre, não deixa seguir os jornaes ao seu destino.

O empregado é tão digno do padre como este digno d'aquelle. Não nos surprehende o facto. A reacção tem invadido e exerce poderosa influencia no expediente das repartições publicas superiores. E', pois, consequente que o mal partindo de cima se reflicta no baixo funccionalismo.

Falla-se de novo no proximo casamento do principe real D. Carlos, indigitando-se agora para noiva sua prima em primeiro grau, a princeza Mathilde, filha primogenita da princeza real de Portugal, D. Maria Anna, irmã d'el-rei, o sr. D. Luiz.

Como o enlace de dois principes é sempre um acontecimento para os paizes que tem a dita de ser *administrados* por tão divinas creaturas, que vá o Zé preparando as algebeiras para occorrer ás despezas esponsalicias dos reaes pimpolhos.

A entrada em Lisboa da sr.ª D. Maria Pia, ao inaugurar as suas magestaticas attribuições custou-nos uma continha calada. Mas foi uma recepção imponente! E quem quer festas...

Quando D. Maria 2.ª visitou esta cidade, essencialmente pobre, foi surprehendida com os festejos sumptuosos em sua honra, e á soberana não escapou uma tão saliente desharmonia, fazendo essa observação a um dos seus cortezãos. Em quanto a iniciativa official dava á festa um caracter popular, nos bairros pobres a miseria atormentava muitas familias. Mas o povo era obrigado a folgar e rir pela bocca do thesouro do estado.

Como é este mundo! A cada povo e em epochas determinadas corresponde a synthese intellectual mais predominante. Na Roma dos Cezares o povo contentava-se com pão e circo; na Hespanha ha ainda quem se satisfaça com pão e touros. Em Portugal não querem pão nem touros: basta albarda e musica.

Está na lembrança de todos a calamidade, que nos ultimos mezes de 1876 reduziu á fome e á miseria um grande numero de familias de pequenos lavradores, trabalhadores e jornaleiros portuguezes. Referimo-nos ás inundações d'aquelle anno, para minorar os effeitos das quaes, uma grande commissão, a que a rainha se associou, póde apurar a importante somma de 227:502$650 reis, contribuindo differentes paizes, que ennunciâmos com os respectivos obulos.

Brazil.....	131:137$755
Rio da Prata.....	5:006$660
Inglaterra.....	2:918$860
Uruguay.....	1:894$305
Siam.....	1:230$530
Tanger.....	467$420
França.....	380$530
Allemanha.....	225$000
Hespanha.....	92$000
Italia.....	46$000
Portugal.....	84:102$650
Total	227:502$650

A commissão distribuindo pelos necessitados parte d'aquella valiosa quantia, poz ao alvitre da rainha o resto, que se ficou chamando cofre dos innundados. E' d'esse deposito que a sr.ª D. Maria Pia tem lançado mão para attestar a sua generosidade, que é cantada em prosa e verso de varios tamanhos e feitios pelas tubas assalariadas ou bajuladôras.

Dizem de New-York que falliu mais um negociante de assucar, com um passivo de 600 contos.

Na parte oriental da Africa ha um lago descoberto em 1869 pelo viajante inglez Speke, a que este deu o nome de — lago Victoria Niazan.

Nas margens d'este lago, que tem 420 metros de extensão por 360 de largo, acham-se encravados varios povos negros, constituindo differentes reinos, entre os quaes se distinguem, por sua maior superficie e pela affabilidade com que os indigenas tratam os europeus, os reinos de Karagué e Uganda.

Um curioso telegramma, recebido em Londres, participa que falleceu Mtza, rei de Uganda, deixando setecentas viuvas.

Este facto, por si notavel, dos costumes d'aquelle paiz, é insignificante ao lado de outro, que contêm o mesmo telegramma.

Para evitar perturbações a respeito da successão do throno, ou porque tal ceremonia seja ali corrente, os ministros de Metza foram todos enterrados com o cadaver do soberano.

Mr. Lesseps enviou pelo telegrapho o pesame á familia do commandante Boudsin, auctor do pensamento do mar interior da Africa, que, como sabem, falleceu recentemente, propondo-lhe

ao mesmo tempo fazer sua a idéa e realisar o pensamento projectado, auxiliado por varios banqueiros poderosos, e que abrirão um porto na costa de Tunis, dando-lhe o nome de porto Boudsin em memoria do mallogrado commandante.

Um mathematico americano que tinha pouco que fazer, imaginou um caminho de ferro entre a terra e o sol, com os seguintes calculos:

O caminho de ferro que ligasse os dois planetas e caminhasse com a velocidade de 40 milhas por hora, gastaria 265 annos, um mez, cinco dias, 3 horas e 31 minutos.

O preço da viagem, a um peny por milha, seria de 372:000 libras.

Não ha em toda a Europa mulheres mais desgraçadas do que as campesinas russas.

Nás campinas da Russia, a mulher é considerada como uma creatura inferior, destituida de raciocinio, e que para desempenhar acertadamente o seu papel dentro do seio da familia, deve ser vigiada de perto e muitas vezes castigada para que se recorde que está sujeita a um senhor.

A legislação russa tem feito muito pouco para proteger a mulher contra as brutalidades do marido; é mui raro o caso em que os tribunaes podem intervir contra estes ultimos. Só quando ha nos maus tractos indicios de torturas systematicas, que podem originar a morte da victima, ou consequencias perigosas para o filho que por ventura esteja para nascer, póde a mulher formular queixa ante o tribunal.

Os demais casos pertencem ordinariamente á competencia dos juises do paz.

Como os juises são campesinos, raro é o caso em que a mulher encontra justiça e protecção, e pelo contrario, a mais das vezes é severamente censurada por se atrever a queixar-se do marido, que tem o direito e a obrigação de corrigir e castigar sua mulher. Os juises de paz teem desejos de proteger a mulher, mas faltam-lhe os meios de pôr em pratica as suas boas intenções.

Raras veses o marido póde ser condemnado a um castigo serio, pois que ainda que os juises tenham a faculdade de os condemnar a prisão, esta só póde ser cominada por poucos dias, e apenas se vêem em liberdade vingam-se terrivelmente na mulher, pelo castigo que esta lhes fez passar.

Houve tempo em que os juizes de paz tinham attribuições para conceder ás mulheres maltratadas por seus maridos, passaportes especiaes que lhes permittiam abandonar o domicilio commum para ir procurar a vida onde muito bem quizessem. Porem hoje esses juizes não disfructam, infelizmente, taes faculdades.

Na republica do Equador o joven general D. Eloy Alfaro insurreccionou-se ha tempo, proclamando a federação hispano-americana, e arvorando a bandeira da liberdade contra a tyrannia do doutor Caamaño, que ha dois annos é presidente d'aquella republica.

Eloy Alfaro, o heroe de Guayaquil, cuja cidade tomou por assalto, é catalão, joven de trinta annos, e um dos generaes mais aguerridos da America do Sul. Tem gasto sommas fabulosas para libertar aquelle estado do jugo ominoso do clericalismo. Eloy Alfaro não exigia para a sua patria mais que a liberdade. Apenas viu esta perdida, manifestou-se immediatamente em guerra aberta contra os seus inimigos.

Um feito glorioso inspirado pelo seu temperamento arrojado, deu-se no mar Pacifico no dia 13 de novembro do anno findo. Embarcara-se em Panamá a bordo de um vapor, armado com seis canhões, e tripulado pela flor da juventude equatoriana, ao grito de Confederação hispano-americana. No alto mar encontra-se cercado por dois vapores inimigos. Roto o fogo, Alfaro abordou a um d'estes matando cincoenta homens e toda a officialidade; em seguida um diluvio de bombas cáe sobre o outro navio inimigo, que se desconjunta com um estampido horrivel, submergindo-se na profundidade do mar. Eloy Alfaro, com cinco dos seus companheiros tendo caido á agua, salvaram-se nadando para terra.

Acha-se internado n'um bosque, onde é perseguido por eternos inimigos— o exercito clerical de Caamaño, bosque que nenhum ser humano atravessou ainda, e Alfaro tem sabido luctar com a natureza, com as feras e com o inimigo. Assim o havia já feito em Esmeraldas ha quasi um anno: com 50 homens atravessou um bosque selvagem, gastando uns poucos de meses, e depois de percorrer 160 leguas, foi sair aos Andes.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

RIO DE JANEIRO

COLCHOARIA DO CORSARIO

Rua d'Assembleia — 106

E' prohibido sair freguez sem fazenda. A questão é de pintos á vista. Ser barateiro para arranjar dinheiro.

GENEBRA

SEM RIVAL

Tonica, hollandeza, da antiga fabrica de C.C. Moreira & C.ª

PREMIADA NA ULTIMA EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

Consummo e acceitação geral em todo o paiz. Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia no Porto.

ELISIO FILINTO FEYO

PARTICIPA aos seus amigos e fregueses, que abriu o seu novo estabelecimento de ourivezaria na rua d'Alfandega, onde tem um bonito sortimento de objectos de ouro e prata que vende por preços sem competidor.

ANNUNCIO

Vendem-se dois predios de cazas, com bons commodos, sendo um na rua d'Apresentação, onde mora o ex.mo sr. Dr. Rachão, outro nas Arribas de Santo Antonio onde foi o hospicio dos Expostos.

Para tratar na pharmacia central de Francisco da Luz— rua dos Mercadores— Aveiro.

XAROPE phelandrio composto de roza.

POMADA anti-herpetica do dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

Phaeton

No hotel **Cysne do Vouga** ha um para alugar. Quem o pretender póde dirigir-se ao dito hotel ou á antiga cocheira do sr. Leite Ribeiro, proximo á alameda do Cojo.

ARMAZEM

Aluga-se um nos baixos da casa que foi do fallecido Bento Magalhães, na rua de Alfandega.

Quem o pretender dirija-se a Fernando Homem Christo.

ESTEIREIRO

FLORENTINO VICENTE FERREIRA participa ao respeitavel publico aveirense que montou a sua officina na rua da Arroxella, n.º 12, Alboy.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Noções Populares de Litteratura Portugueza

Ao alcance de todos

Contendo o que è necessario para qualquer pessoa entender o que lê, e escrever, na lingua portugueza sobre qualquer assumpto com correcção, pureza, clareza e elegancia, sem auxilio de mestre, por Antonio Peixoto do Amaral.

N. B. — Este livro contèm tambem licções de analyse logica e grammatical.

A' venda no Porto — na Livraria Portuense e Papelaria Clavel & C.ª — editores, rua do Almada, 119, 123.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e aprovado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: è muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se trez vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dòse, com quaesquer bolachinhas, è um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A' venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; em Ilhavo, João C. Gomes. Deposito geral, pharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se à venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 rèis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que està depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,,

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 79— AVEIRO

(Pegado á Caixa Economica)

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Bibliotheca de Romances Baratos

100 REIS CADA VOLUME

A publicação mais barata até hoje conhecida. Publicação mensal d'um volume brochado, com 256 paginas de impressão, em Lisboa, 100 reis, na provincia, 120 rèis.

OBRAS PUBLICADAS E Á VENDA

O Segredo Terrivel, *2 volumes brochados*.....	*200 réis*
A Herança do Banqueiro, *2 volumes brochados*.	*200* »
No Tempo do Terror, *3 volumes brochados*.....	*300* »
Os Dramas da Policia, *3 volumes brochados*....	*300* »
O Dr. Gilberto, *1.º e 2.º volumes brochados*.....	*200* »

NO PRELO, O 3.º VOLUME DO

DR. GILBERTO

Todos os pedidos á Bibliotheca de Romances Baratos, rua da Magdalena 95, Lisboa. Precisam-se correspondentes em todas as localidades.